



SOLIDARIEDADE FEMINISTA

EM TEMPOS DE PANDEMIA



ARTICULAÇÃO DE
MULHERES
BRASILEIRAS
RIO DE JANEIRO

Apoio
Laudes ———
— Foundation





Esta cartilha é uma criação coletiva da Articulação de Mulheres Brasileiras – Rio de Janeiro, realizada por seus núcleos da Região Metropolitana e Região dos Lagos

A AMB RJ faz parte da AMB nacional, organização feminista que luta por uma sociedade sem racismo, com igualdade de gênero e justiça social. <https://ambfeminista.org.br/quem-somos/>

Concepção e argumento: Liliane Brum

Coordenação e Pesquisa: Edna Machado

Transcrições: Cristiane Brandão


Edição: Angela Freitas

Arte: Eliana Gesteira

Setembro de 2021



Apresentação



No início de 2020 a AMB Rio de Janeiro - composta pelos núcleos da Região dos Lagos e da Região Metropolitana – tinha uma agenda coletiva de atividades construídas para fazer face ao grave cenário de crise política e econômica. Mas em março a pandemia do novo coronavírus chegou ao Brasil e foi necessário suspender as ações pela imposição do isolamento social, para preservação de vidas. Logo ficou nítido que os tempos seriam difíceis, com aumento do desemprego e crescentes dificuldades para manter a vida laboral e atividades informais de geração de renda.

Algumas militantes da AMB RJ, e também dos grupos com os quais estávamos prontas para trabalhar, vinham enfrentando a impossibilidade de prover o próprio sustento, de suas famílias ou de suas comunidades. A trágica desigualdade social do país foi se agravando com a pandemia e com a ausência de um governo responsável.

Paramos para refletir. Sem perder esperanças, decidimos adequar as estratégias às novas emergências. Assim, os recursos acessados para ações de fortalecimento da AMB foram redirecionados para atender as necessidades básicas de sobrevivência como moradia, alimentação, higiene, saúde e comunicação. Procuramos trazer as mulheres pro centro do cuidado com acolhimento, escuta e compreensão de suas demandas.

Esta cartilha é um registro desta experiência, que trouxe alívios e alegrias e que foi realizada com a marca do nosso feminismo. Ao reconhecer e celebrar o esforço coletivo que tudo viabilizou, pretendemos também contribuir para politizar as redes de solidariedade de forma que possam ser sempre espaços de luta por um país de bem-viver e com justiça para todas e todos.

Ninguém solta a mão de ninguém

...Este foi o lema escolhido para nossa ação, que caminhou por três diferentes trilhas: Emergências iniciais; Socorro para obter o Auxílio Emergencial e Ação nas comunidades.

1ª trilha – Emergências iniciais

Nossa prática de aproximação cotidiana, com espaço para conhecer a história de vida de cada uma, permitiu logo identificar companheiras da própria AMB RJ (capital e outros municípios) que estavam em maior vulnerabilidade. Um grupo de oito militantes precisava de ajuda. Assim, foram providenciadas cestas básicas, ajuda financeira para pagamento de aluguéis, ajuda para compra de medicamentos, encaminhamento para suporte terapêutico, doação de celulares (tão necessário para participar das reuniões).

A distribuição de alimentos, de valores em espécie, o encaminhamento para terapias de apoio, a doação de celulares, propiciaram a essas mulheres sua sobrevivência física e mental, nesta que vem sendo identificada como a maior crise humanitária da contemporaneidade.

Foi importante este apoio, inspirado nos laços de solidariedade que nos unem. Uma decisão coletiva, cientes de seu caráter provisório, tendo sempre presente a meta de alcançar a igualdade real, que orienta nossa trajetória mais ampla de luta.





2ª trilha – Socorro para obter o Auxílio Emergencial

Celulares mais modernos se tornaram ainda mais necessários, visto que os aparelhos antigos não permitiam o cadastramento no Programa de Auxílio Emergencial, aprovado pela Câmara Federal e que foi transformado em Lei em abril de 2020.

Só era permitido um cadastro por aparelho. Era preciso dispor de um smartphone e cadastrar-se através de um aplicativo que precisava ser baixado. E, claro, era preciso ter desenvoltura digital para o manuseio. Diante de tantas dificuldades, decidimos criar um serviço de mediação, que funcionou via WhatsApp ou chamada telefônica.

Identificamos muitas falhas no aplicativo que aumentavam as barreiras para ter acesso ao direito de receber o auxílio emergencial: as instruções do banco não esclareciam todas as dúvidas; o aplicativo travava com frequência; o formulário continha erros; o sistema não permitia correção de dados após o envio da solicitação. Ufa! Quanta dificuldade!

. . . Ninguém solta a mão de ninguém

A 2ª trilha desenrolou-se até agosto de 2020

...isto porque o tempo de análise das solicitações de Auxílio Emergencial era em média de dois meses.

Vejam dois depoimentos que sintetizam as dificuldades encontradas:

“tive que mandar errado mesmo porque o cadastro não deixava eu corrigir; tentava marcar a opção certa mas não dava; somente minha filha tem celular e ela já cadastrou o dela”(Cláudia Ramos, não possuía um smartphone).

“estou lutando para ser aprovado, mas esse benefício já deixou de ser emergencial, pela demora”(Marinalva Alves dos Santos, que após 4 meses do requerimento teve seu Auxílio deferido).

Alguns casos mais complexos apareceram, como um de “estelionato parental”.

O que foi entendido como “estelionato parental”?

As regras do Auxílio Emergencial continham fatores de aumento do valor a ser recebido quando havia crianças no domicílio e no caso das “mães solo” (chefes de família). Acontece que o CPF de uma criança só podia ser cadastrado uma vez (pelo pai ou pela mãe). Quem cadastrasse primeiro, impedia o/a outro/a de obter a renda básica. Foram muitas as notícias de “mães solo” impedidas de se cadastrar porque os pais, sem ter direito pois não eram os provedores, já tinham feito o cadastro. A esta conduta se deu o nome de “estelionato parental”.



Por esta ou outra razão, três mulheres por nós atendidas necessitaram auxílio jurídico, para o qual foram encaminhadas. Foi uma ação bastante frutífera. Ao todo realizamos 46 atendimentos, sendo 42 julgados procedentes e, portanto, esse foi o número de mulheres que tiveram acesso a seu Auxílio Emergencial através desta iniciativa.



QUEM TEM AMIGAS, TEM ABRIGO

Programa de Transferência de Renda do Governo Federal:
TÁ COM DÚVIDAS? A GENTE AJUDA!

Mande um zap (21) [XXXXXXXXXX]
Ou ligue (21) 98145 3711
aceita chamada a cobrar

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
11h às 18h, de segunda à sexta-feira

An illustration of a woman with red hair wearing a yellow shirt and blue pants, holding a smartphone. To her right is a speech bubble with a red heart. Below her is a smartphone with two chat bubbles (one yellow, one green) and two red hearts floating above it. The background of the advertisement is white with a purple border.

Card Divulgação do Programa

. . . Ninguém solta a mão de ninguém

3ª trilha: Ação nas comunidades

Acompanhando a situação dos territórios aonde a AMB RJ tinha prevista uma atuação política, foi estendido o auxílio às mulheres com quem vínhamos mantendo contato, e suas famílias ou comunidades nas quais atuam. Foram ao todo cinco comunidades. Vejam o registro dessas ações:

Ocupação Urbana Manoel Congo – Município do Rio de Janeiro - Centro

As pessoas desta ocupação lutam por moradia popular, resistindo em um local de ocupação no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Na pandemia, iniciaram um trabalho que beneficia moradoras e moradores de rua da chamada “cracolândia”, localizada junto à Central do Brasil, a maior estação ferroviária do estado, onde está localizada também a principal estação do Metrô carioca.

Com os recursos do projeto, vêm sendo fornecidos mantimentos e água para o preparo e distribuição de cerca de 200 refeições completas, semanais, servidas às sextas-feiras.



Distribuição de cestas básicas na Ocupação Manoel Congo

Depoimentos



Ivanir Mendes de Souza (ativista da AMB-Rio) e Maria Aparecida de Jesus na preparação de alimentos distribuídos na Ocupação Manoel Congo

Tamos juntas aí, companheiras, dando a mão e fazendo esse trabalho maravilhoso... quero agradecer muito às companheiras da AMB que têm nos ajudado toda sexta-feira, como hoje, fazendo 200 quentinhas para levar pra rua com 200 garrafas de água (Maria Aparecida de Jesus/54 anos/ cozinheira/ativista do movimento de moradia).

Hoje a gente preparou aqui um delicioso jantar: ... temos feijão, macarrão, salsicha, fizemos aqui uns legumes, inhame, batata, tudo com muito carinho, com muito amor, né? feito especialmente para daqui a pouco a gente levar esse trabalho para a rua (Carmen França Ferreira da Silva/moradora da Ocupação Urbana Manoel Congo).

. . . Ninguém solta a mão de ninguém . . .

Grupo de Mulheres Yepondá – Município de São João de Meriti, Baixada Fluminense - Região Metropolitana do Rio de Janeiro



Este grupo faz um trabalho de formação política e educação popular de mulheres, numa perspectiva de auto-organização e luta contra a intolerância religiosa, o racismo e a violência contra as mulheres. Suas integrantes colaboraram para fazer chegar nossa ajuda a seis famílias em situação de vulnerabilidade social: uma composta de um homem e de uma mulher com 3 filhas menores; um casal homoafetivo feminino, com duas crianças; uma jovem que perdeu a mãe com Covid-19; uma mulher mãe solo com um filho especial; uma senhora de 65 anos que cria duas netas adolescentes; uma mãe solo com 5 crianças. Ao todo foram 21 pessoas beneficiadas, sendo 16 negras, 4 brancas e uma indígena.



Depoimentos

Grande foi a experiência de participar ativamente na ação realizada pela AMB. Poder ver a felicidade das famílias recebendo as doações: não tem preço! ... Tive o privilégio de ser uma das contempladas (Barbara Souza/Grupo de Mulheres Yepondá).



... estou desempregada, só tenho os biscates do meu esposo no momento... a cesta é boa, produtos bons. Estou muito grata por essas pessoas boas e do bem poderem me ajudar nesse momento (Beatriz Araujo/Grupo de Mulheres Yepondá).

Para mim, foi muito importante. Eu tava sem nada dentro de casa... Sou grata a você por ter ligado no momento exato, entendeu? No momento exato! E continuo ainda precisando... (Sônia Maria dos Santos/Grupo de Mulheres Yepondá).

. . . Ninguém solta a mão de ninguém

Universidade Indígena Aldeia Marakanã – Território Indígena em contexto urbano, situado no bairro Maracanã, Rio de Janeiro.

A aldeia foi assentada em 2006 e se localiza ao redor de um prédio colonial em ruínas, onde antes funcionava o Museu do Índio. O projeto era restaurar o prédio para abrigar a Universidade Indígena. Além de manter viva e funcionando a Universidade (mesmo sem a casa), a aldeia abriga indígenas de diferentes etnias que estão morando, estudando ou de passagem pelo Rio de Janeiro. Desde 2013 (ano da Copa do Mundo) a comunidade, que ali resiste, vem sendo perseguida e criminalizada pelo Estado do RJ.

A AMB RJ estava em contato com líderes mulheres da aldeia, e uma Roda de Conversa chegou a ser realizada antes da pandemia, e nosso Projeto tinha uma programação de continuidade para esta troca. Com a mudança de rumo, cestas básicas foram encaminhadas para o Território, que já vinha em situação de carência desde antes da pandemia. O auxílio favoreceu seis famílias indígenas: duas chefiadas por mães solo e quatro chefiadas por uma mulher e um homem, num total de 20 pessoas, sendo quatro na faixa etária entre 40 e 60 anos, sete na faixa etária abaixo de 40 anos e nove crianças.



Depoimentos

Vimos a público agradecer o apoio moral e financeiro da organização AMB, através da parente Ynara do povo Satere-Maué, na compra da água e alimentação no momento que se iniciou a pandemia em 2020. Tal apoio foi tão importante que não tivemos nenhum caso de corona vírus na Aldeia Marakanã (Potira Guajajara-Krikati, liderança indígena da Aldeia Marakanã).



Entrega de alimentos, frutas e material de higiene à Aldeia Marakanã



Entrega de 10.000 litros de água à Aldeia Marakanã

Katu haw pà ty wà kuzàguer wà (muito agradecida a todos e principalmente às mulheres da AMB) (Potira Guajajara-Krikati, liderança indígena da Aldeia Marakanã).

. . . Ninguém solta a mão de ninguém

Quilombo Botafogo e Quilombo Maria Romana – Distrito de Tamoiós, município de Cabo Frio, Região dos Lagos, RJ

Estas são duas das cinco comunidades quilombolas de Cabo Frio, na Região dos Lagos. Somente no Quilombo de Botafogo existem cerca de 100 famílias em isolamento sem nenhuma estrutura médica para o enfrentamento dos efeitos da Covid-19. As comunidades ainda lutam pela titularidade das terras, junto ao Governo Federal.

Integrantes do Movimento de Mulheres de Cabo Frio, que coordena a AMB Região dos Lagos, estavam prontas para prosseguir seu trabalho pedagógico com mulheres destas comunidades, quando veio a pandemia. Eram conversas sobre direitos das mulheres e articulações que acontecem para que esses direitos cheguem a todas as comunidades, mesmo as mais distantes, como o quilombo. Com a reformulação do Projeto, foram distribuídos materiais de higiene para as famílias.



Depoimentos

Foi muito importante a chegada desse movimento aqui na comunidade, porque as mulheres começaram a ter noção das políticas públicas que existem, os direitos... e nesse momento de pandemia que tá sendo difícil lidar com a higiene né? esses cuidados que a gente precisa ter para se prevenir da Covid foi muito importante (Sulamita Rangel/Quilombola do Quilombo Maria Romana/Cabo Frio).



Entrega de alimentos feita pela AMB – Região dos Lagos ao Quilombo Botafogo

Ficamos muito felizes que existem entidades, órgãos, pessoas que, nesse momento tão difícil, tão delicado, tenham olhado para nós, para nossa comunidade, para nós mulheres... fizeram a doação de cestas de higiene que colaboraram para que nós pudéssemos investir esse dinheiro em outros tipos de alimento e de remédio, nesse momento tão delicado que estamos passando de pandemia (Alessandra/Comunitária do Quilombo Maria Romana/Cabo Frio).

. . . Ninguém solta a mão de ninguém . . .



Carta especial


Uma das militantes da AMB atendidas pelo Projeto enviou uma carta que decidimos transcrever quase na íntegra, pois suas palavras dizem muito do espírito com que esta ação foi desenvolvida:

1º de setembro de 2020,

Gratidão pelo "Ninguém larga a mão de ninguém" ter sido a verdade na AMB e não apenas uma utopia. Gratidão AMB por, nesse período tão crítico, mundialmente falando, vocês me proporcionarem uma grande ajuda nessa vida, a facilitação para uma terapia que está "me resgatando os sentidos".

Como sabem companheiras, vivi um 2019 tão devastador e o falecimento de minha mãe foi o ápice para me afundar numa depressão profunda, que na verdade já vinha somatizada às violências e silenciamentos que eu vinha passando, mas que não conseguia enxergar. Somatizada ao racismo, esse que, de forma tão latente e cruel, é presente em minha vida, e nos apedreja, de uma forma tão enraizada na sociedade, e que muitas das vezes, consegue atingir até mesmo nós conscientes, e aí nos deparamos fracas e sensíveis para conseguir combatê-lo só. Eu não consegui, e aí com o desemprego, esse racismo se mostrou como ele sempre é, cruel e desumano, a ponto de me fazer pensar em desistir de viver. Por mais preparada que possamos estar, quase nunca temos as chances das oportunidades.





As palavras de hoje são para agradecer a AMB RIO por, apesar da minha distância (já que emocionalmente não tinha condições nenhuma para a luta, além de estar frágil e descrente), não largarem a minha mão e me apoiarem neste momento tão sensível.

Agradeço por percorrer (apesar das minhas dificuldades para estar mais próxima) este caminho com vocês e pela AMB RIO ter trilhado meus caminhos com a Dra. Sandra, que está comigo nesses quase três meses, me fazendo crer que "SIM eu ainda existo". Antes dela, a sensação era que não... Como vocês sabem o Feminismo branco não dá conta das demandas de nós mulheres negras. Na AMB existe um conforto, existe um reconhecimento disso, uma preocupação latente com nosso empoderamento e lugar de fala, e uma preocupação mediante nossas desigualdades estruturais enquanto mulheres negras. Nenhuma militância é perfeita, existe falhas, somos humanos e esse plano é de aprendizado. Mas penso que hoje só consigo estar num lugar que esteja disposto na real em minimizar essas desigualdades e equalizar essas urgências. Gratidão AMB RIO por segurar minha mão e reaquecer meu coração para a luta. Resolvi escrever porque, SIM, estou no caminho dessa cura... Um abraço quentinho em vocês!

Chris Odara

Chris Odara é estudante, negra, moradora da Vila Kenedy, composta de uma favela e de um grande conjunto habitacional, na Zona Oeste do Rio. Chris tem um filho de 26 anos, Jefferson de Andrade Barreto e uma netinha de 2 anos, a Valentina Amaral de Andrade.

Estava desempregada quando, pouco antes da pandemia, perdeu a mãe, de quem vinha cuidando. Precisou abandonar a faculdade. Buscava emprego e vinha sendo recusada em editais por racismo. Não conseguiu estágio por causa da faixa etária. Entrou em depressão profunda.


Solidariedade feminista: vamos falar desse conceito?

A pandemia e o desgoverno nacional remexem com a vida das pessoas e com a trajetória dos movimentos sociais. Esta cartilha registra uma singela experiência feminista de reinvenção para seguir vivas enfrentando adversidades, nessa conjuntura tão pesada.

Energias foram entrelaçadas para fortalecer umas às outras e afetivamente redimensionar estratégias, lançando um olhar cuidadoso, em primeiro lugar para nós mesmas, pra “manter a estrutura emocional”. Uma palavra-chave foi “empatia”. Uma postura chave foi entender que as situações de vulnerabilidade e discriminação têm origem no sistema capitalista, no racismo, no conservadorismo, no patriarcalismo, e atingem cada uma de nós, porém em graus diferentes.

É questão de abraçar uma pluralidade de mulheres – rurais, urbanas, trans, deficientes, indígenas, negras, afro-latinas, migrantes – com suas lutas próprias, que ao mesmo tempo se unem em articulações nacionais, contra o sistema opressor. Dar lugar à solidariedade! O que entendemos com esta palavra? Quando o poder se pauta pela ausência de políticas públicas que acolham toda a sociedade, quando há pessoas sem trabalho, sem escola, sem alimento, sem vacina, sem alento, erguer as energias para um trabalho solidário se torna um ato político, um ato de amor e respeito.





Somos muitas e estamos em vários lugares. Por vezes não nos conhecemos, mas nos comunicamos para um trabalho de grande relevância, para todas; para um ato político que nos empodera a todas, que traz felicidade e que também contribui para dar sustento a relevantes trabalhos comunitários.

Enfim, solidariedade feminista é vista assim:

- > um ciclo de transformação de vidas, pelo feminismo, em busca do bem viver.
- > compreender que é preciso socorrer quem necessita de atenção e ajuda, antes de pensar em seguir adiante com a luta, todas juntas.
- > ter a certeza que o ativismo não fica só no campo teórico, mas sim chega na base... ter a certeza que não estou só.
- >... uma compreensão do mundo que move, que resgata e resiste... perpassa o inconformismo perante as opressões e violências sofridas, principalmente pelas mulheres em situações de vulnerabilidade...
- >... não aceitar que uma mãe durma sem ter alimento e segurança para oferecer a um filho.
- >... saber que, nas horas difíceis, tem feministas Rio afora pensando nas mulheres menos afortunadas e que perderam tudo nessa pandemia.
- >... é mobilizar toda a sociedade para implementar e transformar colocando a mão na massa.
- >... é dar amor, carinho, acolher, estar sempre com a mão estendida, ser amiga se você tem mais, dividir com quem tem menos e no final ter a plena certeza de que nós, feministas, vamos sempre estar segurando a mão de alguém.
- >... entender as necessidades das mulheres que estão tão distantes de nós, e ao mesmo tempo tão próximas.

Solidariedade feminista é solidariedade política! É solidariedade na luta contra o Racismo, o Capitalismo e o Patriarcado



Reunião virtual AMB-RJ em final de 2020

Participaram também desta criação coletiva:

Adriana Martins, Adriana Mota, Chris Odara, Elza Santiago, Flávia Conceição, Inara Nascimento, Ivanir Mendes, Marinalva Alves, Roberta Cruz, Roberta Silva, Schuma Schumacher, Tânia Lopes, Iya Lúcia.

Esta Cartilha foi produzida em setembro de 2021. Ela relata ações de solidariedade feminista da Articulação de Mulheres Brasileiras RJ no primeiro ano da pandemia da Covid-19.

Seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da AMB RJ e não reflete, necessariamente, a posição da União Europeia e da Fundação Laudes, que apoiaram financeiramente esta produção.